

Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

O Ideal de Liberdade em
O Diário de Anne Frank

Monique Frederico Pires de Souza

BRASÍLIA, DF
AGOSTO - 2008

O Ideal de Liberdade em *O Diário de Anne Frank*

Monique Frederico Pires de Souza

Delmo de Oliveira Argulhes

UniCEUB

FACULDADE DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

Pesquisa realizada pelo 6º Programa de Iniciação Científica – UniCEUB.

A pesquisa procura problematizar acerca do ideal de liberdade presente em *O Diário de Anne Frank*. Para responder e esclarecer esta problemática, são primeiramente introduzidos o contexto internacional foco da pesquisa, o nazismo, a biografia de Anne Frank e apresentação da obra, *O Diário de Anne Frank* e a confrontação de elementos conceituais sobre a liberdade em diferentes aspectos e produzidos por autores de áreas e épocas distintas. Segue-se então, apresentação e desenvolvimento das metodologias e idéias que tornaram a pesquisa possível, guiada pela lente pós-positivista do conhecimento científico.

Ao final, retoma-se o tema do holocausto judeu na Segunda Guerra Mundial, adicionam-se mais explanações a respeito do modelo teórico, fundamentalmente baseado nas idéias de Gadamer, tendo por fim a análise da obra *O Diário de Anne Frank* conduzida com os instrumentos fornecidos pela filosofia do citado autor.

Palavras-chave: Diário de Anne Frank, Nazismo, Liberdade, hermenêutica, Gadamer.

The Ideal of Freedom in *Anne Frank: Diary of a Young Girl*

Abstract:

The research seeks to question about the ideal of freedom present in *Anne Frank: the diary of a young girl*. To respond and clarify this issue, are first introduced the international focus of research, nazism, the biography of Anne Frank and presentation of the work, *Anne Frank: The Diary of a young girl* and conceptual elements of confrontation on freedom in different aspects and produced by author of different areas and seasons. It follows then, presentation and development of methods and ideas that made the research possible, guided by the post-positivist lens of scientific knowledge. In the end, explanations on the subject of Jewish Holocaust in World War II, add more explanations about the theoretical model, essentially based on ideas of Gadamer, and finally the analysis of the work *The Diary of Anne Frank* conducted with the instruments provided by the philosophy of that author.

SUMÁRIO

1) Introdução.....	6
2) Fundamentação Teórica e Metodologia.....	7
3) Desenvolvimento.....	9
4) Conclusão	16
5) Referências.....	18

INTRODUÇÃO

É princípio de maior relevância na maioria dos ordenamentos jurídicos do mundo, o artigo que destaca como inviolável o direito à liberdade, em todas as suas formas. O Homem, como já anteriormente teorizado por vasta bibliografia¹ sobre o assunto, em seu surgimento, nasceu livre e tende a ser livre por natureza. Ao longo do tempo, se deu a necessidade de restringir a liberdade total que se percebia no estado de natureza, seja por meio da convivência em sociedade, por um contrato social do estabelecimento do Estado Moderno ou até mesmo por meio de dominações forçadas, muitas vezes não legítimas, que agridem de forma violenta tanto o princípio da liberdade quanto o da dignidade humana. Esta última maneira, por ser extremamente cruel e tendenciosa em prol daqueles que têm um poder hegemônico é objeto de estudo desta pesquisa científica, porque a dominação ilegítima e a restrição das liberdades ferem o contrato celebrado entre governantes e governados pela busca da sociedade harmônica. Um acontecimento marcante acerca deste assunto foi, sem dúvida, a perseguição nazista aos judeus, no contexto da Segunda Guerra Mundial. Diante desta perseguição, Anne Frank fugiu junto de sua família para se abrigar em um esconderijo na Holanda. Enquanto permaneceu neste lugar, privada de suas liberdades usuais, Anne, uma adolescente alemã e judia, fez anotações em um diário, que expõem seus pensamentos e angústias num conflito tão complexo quanto a guerra em si: seu próprio amadurecimento. Tendo como objeto de análise o *Diário de Anne Frank*, este projeto apresenta o seguinte questionamento: Como foi construído o ideal de liberdade no pensamento de Anne Frank?

¹ Bibliografia teorizada acerca do tema da liberdade, especificadamente neste trabalho baseada em teóricos como Thomas Hobbes e Hannah Arendt. Locke, Descartes, Kant, Leibniz, Schopenhauer são também analisados, porém em menor profundidade.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA

A fundamentação teórica deste projeto científico funde-se com a metodologia no sentido de que ambas tratam da aplicação das concepções teóricas ao objeto. Desta forma, esta aplicação será baseada no pensamento da história intelectual abordada por Pocock e Koselleck cujos ensaios abordam a problematização das implicações da linguagem e da história dos conceitos, respectivamente. Neste trabalho será abordado essencialmente o conceito de liberdade e, diante deste, há de se levar em consideração as colocações de Pocock² sobre as diferenças entre o contexto e a contemporaneidade de tal conceito no momento em que é descrito e no momento em que é interpretado, o que remete a uma metodologia investigativa acerca desta teorização da liberdade no pensamento de Anne Frank em seu momento histórico único, tendo em mente ainda, sua idade, sua religião, seu país. Koselleck³ alerta para os limites da teorização de um conceito e esta pesquisa, embora analisada sob diversas perspectivas da teorização da liberdade, terá como foco limitado a liberdade como é descrita e idealizada no por Anne Frank em seu diário. São referências bibliográficas também, os ensaios produzidos por Sonia Lacerda e Tereza Cristina Kirschner, sobre a tradição intelectual, e por Marcos Antônio Lopes sobre História Intelectual e a problemática da interpretação dos textos. O livro de Beatriz Sarlo, *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*, é referencial teórico de destaque por abordar principalmente as questões das memórias retratadas em diários e a limitação que a historicidade destes pode apresentar. Além destes, o estudo aprofundado das obras de Hannah Arendt, cujo livro *Condição Humana* advoga o uso da política como processo para a conquista da liberdade e seus outros ensaios sobre o Estado totalitário são bases que solidificam

² J. G. A. Pocock. *Politics, language and time: essays on political thought and history*. New York: Atheneum, 1971, pp. 6 et seq.

³ R. Koselleck, „Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos”. In *Estudos históricos* Nº 10. Rio de Janeiro: FGV, 1992, pp. 1-3.

a pesquisa, e por fim, o próprio diário e biografia de Anne Frank, como fonte primária.

DESENVOLVIMENTO

ANÁLISE DO DIÁRIO

O *Diário de Anne Frank* é obra das mais famosas sobre os relatos vivenciados durante a segunda Guerra Mundial. A garota alemã e judia de apenas 13 anos, tornou-se o símbolo da tragédia direcionada a exterminar seu povo, e foi o que Beatriz Sarlo chama de vítima completa do feito nazista.

Anne começou a escrever o diário em 1942, quando o ganhou de presente de aniversário, este que seria seu companheiro durante a morada no esconderijo em que vivia para escapar da captura dos perseguidores nazistas.

O diário tornou-se famoso principalmente pelo fato de não se tratar apenas de relatos diários, mas também por confrontar a situação drástica vivida pelos judeus com os conflitos cotidianos da jovem que ansiava por liberdade em meio a uma prisão doméstica.

Já em seu segundo dia de escrita, Anne relata sua falta de liberdade até mesmo para acordar, não tinha permissão para se levantar mais cedo, e tinha que se conter para receber seus presentes, no dia de seu aniversário. Anne achava que mais tarde ninguém se importaria em ler o que uma garota de 13 anos escreveu, mas escrevia por sua pura vontade e necessidade de colocar as coisas para fora. Escrevia também porque não tinha amigos.

Anne cita a restrição de suas liberdades no início do diário – em 20 de junho de 1942, quando comenta que após maio de 1940 os decretos anti-semitas, colocaram os judeus em posição delicada, sendo obrigados a usar a estrela amarela, proibidos de andar nos bondes, de carro, tendo horários estipulados para fazer compras, proibidos de sair nas ruas, de ir a teatros, cinemas ou desfrutar de qualquer forma de diversão. Em 08 de julho de 1942, ao saber da notificação da SS dirigida a Margot, Anne viveu certos momentos de angústia, imaginando onde a família se esconderia e como viveriam neste novo lugar. Anne relata o sufoco ao fugir: vestir uma imensidão de roupas de uma vez só para conseguir levar o máximo de vestimentas para os próximos meses no esconderijo. Mas segundo ela, ninguém se importava com isso. Anne diz que

talvez nunca fosse se sentir a vontade naquele esconderijo, todos tinham medo de que os vizinhos os pudessem ver ou ouvir.

O comentário em 28 de setembro 1942: "Não poder sair me deixa mais chateada do que posso dizer, e me sinto aterrorizada com a possibilidade de nosso esconderijo ser descoberto e sermos mortos a tiros. Esta, claro, é uma perspectiva muito desanimadora".

O diário conta os dias quietos que os moradores do esconderijo devem levar para evitar serem descobertos, e com isso, um medo horrível assola Anne a cada barulho ou batidas na porta, que a deixam aterrorizada ao pensar que pode ser alguém que virá prender ela própria e sua família. Para ela a maior dificuldade está no fato de terem de ficar calados e parados boa parte dos dias, sem dizer palavras ou falar em sussurros.

Em seu relato do dia 17 de novembro de 1942, Anne escreve um guia para o Anexo Secreto. Ao listar as atividades livres: "ninguém tem permissão de sair da casa até segunda ordem." Uma de suas maiores restrições. É impressionante que, apesar de seus medos, Anne ainda se julga uma pessoa de sorte, por ter um lugar para dormir, uma cama quente, longe de todo o tumulto que ocorre lá fora. Desespera-se como o fato de que ninguém seja poupado da exterminação nazista: doentes, velhos, crianças, bebês, mulheres grávidas – todos marchando em direção à morte. Quando pensa em sua vida no Anexo, Anne conclui que vive em um paraíso, comparado aos judeus que não estavam escondidos e foram capturados pelos nazistas.

Anne se sente abandonada e se diz rodeada por um vazio muito grande. Em muitos de seus contos diários escreve sobre seus conflitos existenciais, pensa em seus pecados e em seus defeitos. Sente-se confusa pelo quanto precisa mudar em si mesma e pelo quanto precisa se comportar de modo diferente. Aconselha, entretanto, que ninguém a tente entender a fundo ou completamente, incorrendo no risco de nunca achar uma saída para suas próprias indefinições.

Anne escreve que poderia contar a sua melhor amiga, *Kitty* – o diário, todo sofrimento trazido pela guerra, mas sabe que isso somente poderia prejudicá-la e deixa-la sempre mais triste e infeliz. Recomenda que esperar é a solução mais

coerente: esperar com muita calma que a guerra acabe. Os judeus e cristãos esperam, o mundo inteiro espera, e muitos esperam a morte.

Por não ter um bom relacionamento com sua mãe, Anne escreve muito como forma de desabafar sua raiva. Mesmo explodindo de ira, não pode demonstrar seus sentimentos. Sente-se reprimida pelo que diriam de sua atitude caso gritasse, batesse os pés e chorasse. Gostaria de gritar para que todos a deixassem em paz, que a deixassem ter pelo menos **uma** noite sem chorar até dormir com os olhos ardendo. Gostaria de ir embora, embora de tudo e embora do mundo!

Anne tem diversas atividades para se distrair enquanto vive no esconderijo. Adora assuntos de mitologia, árvores genealógicas, história do mundo, quebra-cabeça, ama ler todos os livros que caem em suas mãos e sente raiva daqueles que lhe são censurados. Anne sente que precisa de óculos, considera-se míope. Mas as pessoas escondidas “não podem”. Relata seu desconforto aos moradores do Anexo, que sugerem ida ao oftalmologista. Só de pensar em tal possibilidade, Anne estremece. Não apenas pelo fato de melhorar sua condição, mas muito mais, pelo fato de sair! Sair, andar pelas ruas. Mal podia imaginar! A princípio ficou petrificada, mas depois feliz.

Anne pensa muito em voltar para a escola. Ter uma casa novamente, onde possa se movimentar livremente. Sua restrição não envolve apenas o âmbito psicológico, mas também físico. Não pode andar, se exercitar, sair à vontade. Está sempre com a sensação de estar presa.

Muitas vezes, os escritos de Anne são elaborados em seqüência do que presenciou e por isso, ela alerta para que se leve em consideração seus sentimentos reprimidos e que são postos no diário como ela gostaria de se expressar. Mesmo assim, ela diz que não pode contar tudo que vê ou tudo pelo que passa. As coisas são muito diferentes, comparadas com tempos comuns e pessoas comuns. Nesta situação, não é uma pessoa comum, uma adolescente comum, muito menos uma menina judia comum.

Anne às vezes se sente mal tratada, tanto pelos moradores do Anexo, quanto por seus próprios pais. Dizem a ela que sua aparência está horrível. Aos domingos é quando se sente péssima, relata uma atmosfera **sufocante** e pesada como chumbo. Não ouve barulho dos pássaros e vive em um silêncio opressivo e mortal que paira

sobre o Anexo e gruda em Anne como se fosse arrastá-la cada vez mais para o fundo. Mesmo que às vezes o silêncio signifique a paz momentânea, não há como medir o medo de se manter escondido. É impossível imaginar o mundo depois da guerra, difícil pensar que as coisas podem voltar a ser normal para Anne e sua família. É tal como imaginar “castelos no ar”, com suas palavras, ou seja, uma coisa que nunca poderá ser verdade.

Quando o Anexo recebe visitas das pessoas que estiveram fora para buscar comidas ou suprimentos para sobrevivência dos moradores, Anne se esforça para não se enfiar embaixo de seus cobertores, para pensar em seu maior questionamento: “Quando será que poderemos respirar ar puro de novo?”. Anne vive a se perguntar quando teria seu ideal de liberdade atingido, mas esta é uma resposta que ela mesma julga complexa. Anne confessa que não raro, comete alguns exageros. Acredita que se morar escondida por muito tempo, acabará se transformando em um pé de feijão velho e seco – alusão ao fato de comerem muito feijão nas refeições – enquanto na verdade a única coisa que realmente anseia é ser uma adolescente. Anne está privada de ser uma adolescente normal.

Anne certa vez perdeu sua caneta que estimava tanto. Com ela realizava várias de suas atividades intelectuais para se manter ativa em seu quarto. Descobriu que a caneta fora queimada, aliás, cremada, como um dia ela gostaria de ser.

Em 12 de fevereiro de 1944, Anne escreve: “O sol está brilhando, o céu é de um azul profundo, há uma brisa magnífica, e estou sentindo falta – realmente sentindo falta de tudo: conversa, **liberdade**, amigos, de ficar sozinha. Sinto vontade de chorar!”. Anne sente vontade de explodir, de chorar, mas não consegue. Fica inquieta, andando de um cômodo a outro, tentando respirar pela janela, sente seu coração bater forte. Anne tem saudades de muita coisa, sente muita falta de tanta coisa e durante tanto tempo. Não está se referindo apenas às coisas exteriores, já que de muitas dessas, considera-se estar bem provida, mas sim das coisas interiores como sua ânsia por **liberdade** e ar puro. Em alguns momentos, Anne se sente libertada de seus sentimentos de tristeza e depressão. No entanto, tal fato é de rara ocorrência, considerando que seu ideal de liberdade é ser libertada fisicamente do esconderijo e dissipar suas restrições

psicológicas e as repressões que a impedem um desenvolvimento pleno como ser humano.

Para ela, o melhor que pode fazer para amenizar a situação é escrever todos seus pensamentos e sentimentos. Se não o fizesse, sente que seria sufocada por tantos acontecimentos. Anne tem uma imensa necessidade de conversar e se expressar, mas dadas as condições em que vive, a escrita tornou-se sua maior aliada. Escrever permite que ela registre tudo, seus pensamentos, seus ideais e suas fantasias. A garota judia se questiona porque o mundo não pode viver em paz. Qual seria o sentido da guerra e por que as pessoas não podem viver juntas com harmonia. Por que há tanta destruição? São coisas que a adolescente não pode compreender.

Algumas das regras do Anexo incluem: não poder dar descarga depois das oito da noite, as janelas só podem ser abertas de manhã, não pode haver ruídos ou barulho.

Anne, apesar de todos os empecilhos, sabe que é uma jovem forte e vive em meio a uma grande aventura, que deve encarar como um desafio. Sabe que não deve passar o dia se lamentando e reclamando que não pode se divertir. Para isso, encontra outros meios para sua distração, tais como seus *hobbies* de leitura e de sempre aprender coisas novas. Mesmo com tantos infortúnios, Anne sabe que é abençoada por ter felicidade, alegria e força. Sente-se amadurecendo a cada dia e vê sua libertação mais próxima. Esses são pontos que a matam na luta. Sentir a beleza da natureza e a bondade das pessoas ao seu redor ainda lhe dão uma sensação de esperança em um mundo melhor.

Anteriormente Anne escrevia sobre sua imaginação no pós-guerra como algo impossível. Agora, em 1944, coloca suas esperanças para o fim da guerra: quer sair do esconderijo e ver o mundo, viver o mundo. Gostaria de fazer todo tipo de coisa empolgante. O sonho de Anne para o futuro é ser jornalista e, mais tarde, uma grande escritora famosa.

Em seus altos e baixos, no relato do dia 26 de maio de 1944, Anne é tomada por uma estafa tão grande de sua situação que gostaria que algo acontecesse, e este algo significaria qualquer coisa, inclusive um ataque aéreo. Nada poderia ser mais esmagador do que a ansiedade de nunca saber o que aconteceria nos próximos dias, se seriam bombardeados, atacados ou presos. A menina gostaria que houvesse uma

solução rápida, nem que esta solução fosse cruel, mas que significasse saber quem é vencedor e vencido.

Fechada no Anexo, Anne tornou-se uma entusiasta da natureza. Conta que no seu dia-a-dia não reparava a beleza das flores, dos pássaros, do céu azul. As coisas haviam mudado para ela. Agora, observava a natureza com profunda admiração.

Anne não se conforma com o tratamento diferenciado entre homens e mulheres. Não entende tal injustiça. Não entende, aliás, nenhuma injustiça do mundo. Não compreende porque tudo que um cristão faz, é somente culpa daquele cristão, mas tudo que um judeu faz, é culpa de toda a comunidade judaica. Sente-se injustiçada por estar nesta condição. Escreve: “Estamos todos vivos, mas não sabemos por que ou para que; estamos procurando a felicidade; levamos vidas diferentes e, ao mesmo tempo, iguais.”

Anne argumenta é preciso merecer a felicidade e que isso não se consegue por um caminho fácil. Merecer a felicidade significa fazer o bem e trabalhar, e não especular ou se preguiçoso.

Anne julga que se conhece bastante. Alega que pode se ver como se fosse uma estranha, consegue se afastar da Anne de todos os dias e ver o que ela está fazendo de coisas boas e ruins, sem preconceitos e sem desculpas. Essa autoconsciência nunca a abandona. Enfrenta a vida com uma quantidade extraordinária de coragem, sente-se forte, capaz de suportar fardos, jovem e **livre!**

No entanto, mesmo com suas virtudes, Anne sabe que se manter escondida é muito mais difícil para os jovens do que para os adultos. Estes já têm suas opiniões e caráter formado pela vivência, são seguros de si e de seus atos. Para os jovens é duplamente mais difícil criar e manter suas opiniões em “uma época em que os ideais estão estilhaçados e destruídos, quando o pior lado da natureza humana predomina, quando todo mundo duvida da verdade e da justiça.”. Anne considera impossível construir a vida sobre um alicerce de caos, sofrimento e morte. Ela vê o mundo se transformar lentamente em um tumulto, mas ao olhar pro céu mantém uma esperança de que os problemas irão passar e o mundo poderá ser melhor. Enquanto isso, só pode viver agarrada a seus ideais na esperança de realizá-los.

Anne queria poder se transformar no que gostaria de ser e no que poderia ser se não houvesse mais ninguém no mundo. Anne se importava muito com as opiniões dos outros, por ter vivido sempre a mercê das repressões que sofria.

Anne morreu de tifo, depois de ter sido capturada e levada ao campo de concentração de Bergen-Belsen, resultado das horríveis condições de higiene em que viviam.

CONCLUSÃO

Realizada a pesquisa, deve-se primeiramente ressaltar que os resultados da análise e interpretação de dados estão fundidos nesta conclusão final, uma vez que a pesquisa possui caráter hermenêutico de metodologia e apresentação final das conclusões, não se utilizando, portanto, de dados exclusivamente empíricos, fontes numéricas, dados quantitativos e demais formas de exposição criteriosas e exatas tais como as das Ciências Naturais.

Gadamer deixa claro que a busca da compreensão está exposta e sujeita a erros de opiniões prévias.

O elo principal entre análise do diário e modelo teórico está na passagem:

“Anne julga que se conhece bastante. Alega que pode se ver como se fosse uma estranha, consegue se afastar da Anne de todos os dias e ver o que ela está fazendo de coisas boas e ruins, sem preconceitos e sem desculpas. Essa autoconsciência nunca a abandona. Enfrenta a vida com uma quantidade extraordinária de coragem, sente-se forte, capaz de suportar fardos, jovem e **livre!**”

Este ponto liga-se ao pensamento construído por Gadamer do horizonte do interpretador e interpretado. A autoconsciência permite que Anne se veja de longe e visualize seu próprio comportamento?

Ao escrever que pode fazê-lo, Anne não tem consciência de que também esta visão que apresenta como neutra, está dotada de elementos subjetivos que a fazem julgar seus comportamentos de um modo e não de outro.

A conclusão é que Anne não pode se ver separada de si mesma e de seu contexto. A alternativa que tem é dedicar-se a escrita como forma de desabafo e expressão de seus maiores conflitos e apresentar seus pensamentos e sentimentos. Nem mesmo o interpretador, segundo Gadamer, poderia prover uma interpretação

imparcial de tal condição sem considerar seu olhar pessoal crítico, limitado pelo seu horizonte de pesquisador.

A pesquisa do diário confirma que o ideal de liberdade de Anne nunca foi atingido em totalidade pelo fato de ter sido vítima completa da exterminação nazista e ter falecido em um campo de concentração. No entanto, sua liberdade tão esperada de sair de seu esconderijo, pode ter sido amenizada pela oportunidade que teve de escrever seus relatos ao longo de aproximadamente dois anos e ter conseguido se expressar como queria. Escrever era sua maior liberdade. E escrever foi o modo que encontrou para que sua liberdade, restrita naquele momento, fosse disseminada para todo o mundo.

REFERÊNCIAS

a) Fonte primária

FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. 14ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2000.

b) Fontes secundárias

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *A condição humana*. 10ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

KOSELLECK, Reinhart. “Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos”. In *Estudos históricos* Nº 10. Rio de Janeiro: FGV, 1992, pp. 134-46.

_____. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto / Editora PUC Rio, 2006.

LAFER, Celso. *Hannah Arendt: pensamento, persuasão e poder*. 2ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

LOPES, Marcos Antônio (org). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.

POCOCK, John Greenville Agard. *Politics, language and time: essays on political thought and history*. New York: Atheneum, 1971.

REALE, Miguel. *Lições preliminares do direito*. 8ª edição. São Paulo: Saraiva, 1981.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo / Belo Horizonte: Companhia das Letras / Editora UFMG, 2007.

SNYDER, Louis L. *Encyclopedia of the third reich*. Hertfordshire (UK): Wordsworth Editions, 1998.

VASCONCELOS, José Antônio. *Quem tem medo de teoria? A ameaça do pós-modernismo na historiografia americana*. São Paulo: Anna Blume / FAPESP, 2005.

Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

O Ideal de Liberdade em
O Diário de Anne Frank

Monique Frederico Pires de Souza

BRASÍLIA, DF
AGOSTO – 2008

Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E CIÊNCIAS
SOCIAIS

O Ideal de Liberdade em
O Diário de Anne Frank

Delmo Oliveira Arguelhes
Monique Frederico Pires de Souza
Relações Internacionais

BRASÍLIA, DF
2ºsem/2007 a 2ºsem/2008

SUMÁRIO

1. Resumo	4
.	
2. Introdução	5
3. Desenvolvimento	
Capítulo 1	7
Capítulo 2	12
Capítulo 3	16
Capítulo 4.....	21
Capítulo 5	25
4. Conclusões finais	
Apresentação do modelo teórico.....	27
Análise do diário.....	28
Conclusão.....	34
5. Referências Bibliográficas	36

RESUMO

A presente pesquisa procura problematizar acerca do ideal de liberdade presente em *O Diário de Anne Frank*. Para responder e esclarecer esta problemática, são primeiramente introduzidos o contexto internacional foco da pesquisa, o nazismo, a biografia de Anne Frank e apresentação da obra, *O Diário de Anne Frank* e a confrontação de elementos conceituais sobre a liberdade em diferentes aspectos e produzidos por autores de áreas e épocas distintas. Nesta parte dos capítulos iniciais, a intenção é que, antes de se prestar a conhecer a resposta ao questionamento pesquisado, tornem-se familiar ao leitor as explicações dadas como pré-requisitos para um melhor entendimento da fundamentação da pesquisa. Segue-se então, apresentação e desenvolvimento das metodologias e idéias que tornaram a pesquisa possível, guiada pela lente pós-positivista do conhecimento científico.

Ao final, retoma-se o tema do holocausto judeu na Segunda Guerra Mundial, adicionam-se mais explanações a respeito do modelo teórico, fundamentalmente baseado nas idéias de Gadamer, tendo por fim a análise da obra *O Diário de Anne Frank* conduzida com os instrumentos fornecidos pela filosofia do citado autor.

Palavras-chave: Diário de Anne Frank, Nazismo, Liberdade.

INTRODUÇÃO

A chegada de Hitler ao poder e a ascensão do regime nazista na Alemanha tornou-se marco na História como evento de terror e restrição de liberdades, em uma ditadura cuja base se solidifica na exclusão do indivíduo como ser pensante e agente. Neste contexto, em 1942, foi produzido *O Diário de Anne Frank*, obra autobiográfica, escrito em um esconderijo na Holanda onde se abrigava com sua família, escondida da perseguição nazista. O diário relata o dia-a-dia da garota alemã e judia que foi obrigada a crescer em um ambiente conturbado, privado de liberdades usuais, neste período específico da História. Gira em torno desta problemática o objeto de estudo desta pesquisa: o ideal de liberdade em *O Diário de Anne Frank*. Sua pergunta-problema se apresenta da seguinte maneira: Como foi construído o ideal de liberdade no pensamento de Anne Frank?

O assunto, portanto, está delimitado a este período histórico específico do contexto entre guerras e ascensão do nazismo, tendo, entretanto, foco prioritário entre as datas de 1942 e 1944, datas estas analisadas na fonte primária de pesquisa, o diário.

Os objetivos se estendem à confrontação dos conceitos de liberdade com aqueles presentes no diário, além de buscar entender a constituição do Estado totalitário nazista e a perseguição aos judeus, bem como estudo aprofundado do *Diário de Anne Frank*: autor e obra.

O estudo sobre o ideal de liberdade se justifica na relevância que este tema representa aos significados que o homem dá a sua maneira de agir. A liberdade foi, é, e sempre será tema recorrente porque se fundamenta nos aspectos morais e de Direito, já que em cada ordenamento há uma concepção diferenciada sobre o que é e como deve ser a liberdade dignada à sua sociedade. A liberdade abrange ainda os campos da História, da Filosofia, da Sociologia, das Artes e uma série de outras disciplinas e este estudo é tema de grande importância em todas essas áreas. Além disso, um estudo aprofundado sobre esta questão nos permite visualizar de forma mais clara certos aspectos históricos e direcionar a pesquisa para o esclarecimento de seus pontos positivos e negativos.

A fundamentação teórica deste projeto científico funde-se com a metodologia no sentido de que ambas tratam da aplicação das concepções teóricas ao objeto.

Desta forma, esta aplicação será baseada no pensamento da história intelectual abordada por Pocock e Koselleck cujos ensaios abordam a problematização das implicações da linguagem e da história dos conceitos, respectivamente. Neste trabalho será abordado essencialmente o conceito de liberdade e, diante deste, há de se levar em consideração as colocações de Pocock (1971) sobre as diferenças entre o contexto e a contemporaneidade de tal conceito no momento em que é descrito e no momento em que é interpretado, o que remete a uma metodologia investigativa acerca desta teorização da liberdade no pensamento de Anne Frank em seu momento histórico único, tendo em mente ainda, sua idade, sua religião, seu país. Koselleck (1992) alerta para os limites da teorização de um conceito e esta pesquisa, embora analisada sob diversas perspectivas da teorização da liberdade, terá como foco limitado a liberdade como é descrita e idealizada no por Anne Frank em seu diário. São referências bibliográficas também, os ensaios produzidos por Sonia Lacerda e Tereza Cristina Kirschner, sobre a tradição intelectual, e por Marcos Antônio Lopes sobre História Intelectual e a problemática da interpretação dos textos. O livro de Beatriz Sarlo, *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*, é referencial teórico de destaque por abordar principalmente as questões das memórias retratadas em diários e a limitação que a historicidade destes pode apresentar. Além destes, o estudo das obras de Hannah Arendt, cujo livro *Condição Humana* advoga o uso da política como processo para a conquista da liberdade e seus outros ensaios sobre o Estado totalitário são bases que solidificam a pesquisa, e por fim, o próprio diário e biografia de Anne Frank, como fonte primária.

DESENVOLVIMENTO

Capítulo 1

Nazismo – Precedentes e Histórico

O ideário nazista surgiu no período entre as duas Grandes Guerras Mundiais em meio a um contexto internacional conturbado por crises de efeitos catastróficos. Exemplo recorrente e factual foi a crise da bolsa de valores de Nova York, em 1929, nos Estados Unidos, cuja queda e suas conseqüências difundiram-se por parte significativa do mundo, excetuando-se a União Soviética em seu isolacionismo. Na Alemanha, a crise de 1929 provocou uma cessão de investimentos e capitais estrangeiros no país, tornando explícita a fragilidade da economia diante do fechamento das portas do comércio internacional. Ocorreu então, que diversas fábricas e indústrias ficaram à beira da falência e muitos trabalhadores perderam seus empregos. O nazismo, desta maneira, surgiu como uma forma de governo reacionária às frustrações sofridas pela Alemanha na Primeira Guerra Mundial – humilhação com a imposição do Tratado de Versalhes – e ainda, em atitude de mudança em relação às crises, representando uma alternativa de fortalecer o Estado e conter as instabilidades vigentes. Arendt vai argumentar que o propósito nazista se baseia em promessas de implantar a estabilidade escondidas na intenção real de se criar um estado de instabilidade permanente.

Caracterizado como essencialmente nacionalista e anti-democrático, o regime nazista guarda uma série de elementos que o faz único neste processo histórico. Destaca-se o fato de que o nazismo é também um regime totalitário. Isso significa dizer que abrange uma dominação total em uma estrutura monolítica, ou seja, representa a própria fusão entre Partido e Estado unidos em uma síntese pelas aspirações nacionais. Diria Arendt: “A luta pelo domínio total de toda a população da terra, a eliminação de toda realidade rival não-totalitária, eis a tônica dos regimes totalitários.” (ARENDR: 2000, p. 442)

Outros pontos característicos são: o autoritarismo cuja noção descende da idéia do Estado totalitário, em que a autoridade do líder é suprema e indiscutível; o idealismo – presente nos anseios de mudança e transformação guiados por um líder; o militarismo – apoiado pela possibilidade de que este desenvolvimento

conseguiria tirar o país da situação de crise recorrendo-se a luta armada e guerra; o romantismo – evidenciado pela motivação através da emoção, baseando-se em crenças e negando a razão como capaz de solucionar os problemas correntes, o que faz com que o foco centre-se em superar as dificuldades por meio da fé e do auto-sacrifício dos indivíduos; e ainda, o anti-semitismo – fundamentado no pensamento de que existe uma raça superior, a ariana, e que as demais devem ser eliminadas, a fim de tornar a nação alemã homogênea e pura, confirmado pela perseguição e execução dos judeus durante o regime nazista. Sartre, em *A Questão Judaica*, explica:

O anti-semitismo é uma escolha livre e total de si mesmo, uma atitude global que alguém adota não apenas para com os judeus, mas para com seres humanos em geral, a história e a sociedade; é tanto uma paixão quanto uma visão de mundo.
(SARTRE: 1995, p. 14)

Com esta, entre outras citações, Sartre aponta para a noção ilógica que o anti-semitismo significa. A paixão a qual se refere é uma idéia de ira e ódio. Sua principal defesa é a de que é o anti-semita quem faz o judeu.

Por volta de 1918, o regime monárquico foi substituído pela República de *Weimar*, no cenário anteriormente esclarecido das crises socioeconômicas pelas quais passava a Alemanha e o mundo de uma forma geral. Este governo tomou a decisão de não efetuar os pagamentos atribuídos pelo Tratado de Versalhes, o que gerou reação francesa atestada pela invasão da região do Vale do *Ruhr*. Os trabalhadores alemães da região negavam-se a trabalhar para os franceses e diante da situação, entraram em greve. A fim de custear a posição tomada pelos trabalhadores, o governo alemão autorizou a emissão de moedas, atingindo um limite em que a inflação chegava a índices estrondosos.

Em 1919, nacionalistas fundaram o partido totalitário, nomeado Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães – do original *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* – *NSDAP*, que *a posteriori* seria conhecido popularmente como nazi. O partido envolvia um forte ideal ao sentimento nacional face aos grandes problemas que enfrentavam. A situação socioeconômica tornava-se cada vez mais grave e diante da ineficiência do governo republicano de *Weimar*, Hitler e seus adeptos planejaram assumir o poder através de um golpe. Ocorreu que, no

entanto, o golpe não logrou êxito esperado e muitos dos postulantes acabaram presos, inclusive a própria figura de Hitler.

Preso, Hitler escreveu sua clássica obra *Mein Kampf* (Minha Luta), em que fundamenta suas idéias da existência de uma raça superior, a ariana, exalta os poderes do nacionalismo, o próprio regime totalitário, o anticomunismo e expansão do domínio territorial pela conquista da Europa oriental. Hitler declarou em um discurso posterior: “Não tribos ridicularmente pequenas, pequeninos países, Estados ou dinastias (...) mas somente raças podem funcionar como conquistadoras do mundo. Mas uma raça – pelo menos no sentido consciente – é algo que ainda temos de nos tornar”.(HITLER Apud ARENDT: 2000, p. 462) A aurora dessa nova raça não eram os alemães, mas a SS.(ARENDT, 2000, p 462)

Em 1932, os efeitos da quebra da bolsa de valores de Nova York ainda não viam-se resolvidos e o abalo da economia alemã fazia com que seus desempregados se unissem ao Partido Nacional-Socialista. Havia ainda aqueles que se alinharam com grupos de tendência comunista e partidos de esquerda. Assustada por essa ameaça esquerdista, a elite e a classe média alemã viam no ideário nazista e em sua proposta de salvação nacional um fim em que podiam depositar suas crenças. A popularidade do nazismo tornou-se maior a cada dia, legitimada inclusive pelas eleições nas quais o partido conquistava um número crescente de cadeiras. Já em 1933, Hitler foi nomeado por Paul von Hindenburg o novo chanceler da Alemanha, estava então, no comando do Estado.

No poder, Hitler tratou de se livrar das oposições, principalmente eliminar os partidos de esquerda e comunistas. Instalou sua ditadura totalitária durante a qual não cessou suas perseguições aos inimigos iniciais, e passou a colecioná-los durante todo o regime, personificando-os na figura dos judeus, ciganos, poloneses. Eliminou partidos, imprensa de oposição, sindicatos e até mesmo líderes da SA (*Sturmabteilung* – a tropa de elite alemã) que não aceitavam sua autoridade total. Além da SA, Hitler contou com o suporte de forças de segurança criadas para sustentar seu regime, a SS (*Schutzstaffel* – Escudo de proteção) e *Gestapo*, a polícia secreta de Estado.

Um ano mais tarde, em 1934, com a morte de Hindenburg, Hitler assumiu a função de presidente e chanceler. Desta forma, acumulou dois cargos e passou a adotar o título oficial de *Führer* proclamando a criação do Terceiro Reich.

Hitler conseguiu tamanho envolvimento da sociedade alemã em prol do seu regime, o que inviabilizava sua ilegitimidade. A propaganda nazista se espalhava pelo país rapidamente. Hitler mantinha seu ideal de conquistas e ainda em 1934 anexou a Áustria a seu território. A partir de um acordo entre Inglaterra, França e Alemanha, ficou decidido que estes países entregariam a área dos sudetos (fronteira da República Tcheca – Boêmia e Morávia – com a Alemanha e a Áustria) a Hitler, o que aumentaria novamente sua aquisição territorial em troca de um apaziguamento acordado em que o *Führer* não iria promover mais expansões sem o consentimento franco-inglês. A parceria entre França e Inglaterra, entretanto, também apoiou a Polônia contra possíveis agressões estrangeiras, principalmente as da Alemanha, que ambicionava possuir a área do chamado corredor polonês, o porto de Gdansk, área estratégica de saída para o mar.

Hitler firmou também um pacto germano-soviético de não-agressão com Stálin, em 1939. Garantia, assim, neutralidades e marginalizava as diferenças ideológicas e políticas entre os regimes nazista e socialista. A representatividade do pacto se destaca porque significou o lance final da armada expansionista alemã, e por meio dele tornou possível a anexação de territórios, por exemplo, os Estados Bálticos (Estônia, Letônia e Lituânia), Finlândia e até mesmo parte da Polônia à fronteira soviética, tendo a Alemanha em troca a anexação da área de Gdansk.

Em 1º de setembro de 1939, Hitler invadiu a Polônia. A quebra do acordo cumprido provocou Inglaterra e França a declararem guerra. Era o início da Segunda Guerra Mundial. Em pouco tempo, entretanto, a Polônia tornou pública sua rendição e a partir de 1940, em meio às batalhas da chamada *Blitzkrieg* (guerra relâmpago) alemã, iniciou-se um avanço militar nazista de ocupação a muitos países: Bélgica, Dinamarca, Noruega e Países Baixos.

Os planos expansionistas e bélicos de Hitler, mais tarde em 1941, fizeram-no trair o pacto de não-agressão germano-soviético, levando as tropas alemãs a marcharem em direção à União Soviética. Nesta área de fronteira, havia milhões de soldados alemães preparados para a investida, o que validou uma rápida e decisiva vitória sobre os soviéticos. Em 1942, porém, os alemães passaram a ser derrotados haja vista o vasto território russo, a resistência da população e das tropas militares. Além das derrotas frente às tropas soviéticas a Alemanha e o Eixo como um todo (Alemanha, Itália e Japão) passaram por uma época de declínio face à ascensão dos Estados Unidos na guerra e a virada de poder dos soviéticos. Os Aliados

passaram então a dominar a guerra. A batalha de Stalingrado entre nazistas e soviéticos representou a inversão das forças e a situação de guerra tornou-se favorável aos Estados Unidos, União Soviética, França e Inglaterra, praticamente aniquilando a ofensiva totalitária alemã. Formou-se, assim, a primeira frente de luta dos Aliados em direção a Berlim. Em batalha no norte da África, tropas anglo-americanas derrotaram o Eixo, fato este que possibilitou aos Aliados o controle do Mediterrâneo e seu desembarque na Itália para, assim, formar a segunda frente de ataque à Alemanha. Em 1943, a Itália se rendeu e declarou guerra à Alemanha. A terceira frente aliada, partindo da Normandia, Norte da França, no dia 6 de junho de 1944, anulou as forças alemãs no norte da Europa e avançou pelo continente. As três forças convergiam sobre a Alemanha a fim de aniquilar seus poderes. O exército vermelho soviético foi o primeiro a chegar a Berlim e proclamar o golpe final sobre o Terceiro *Reich*.

Alguns dias antes da rendição final, Hitler morreu em circunstância inusitada e dramática. Em 30 de abril de 1945, suicidou-se com um tiro de pistola, silenciando sua luta totalitária, mas não os efeitos que dela decorreram.

Capítulo 2

O Diário de Anne Frank – autor e obra

Anne Frank, cujo verdadeiro nome é Annelies Marie, carinhosamente chamada de Anne por seus familiares e amigos, foi uma garota judia nascida na Alemanha em 12 de junho de 1929. Seu país vivia em um cenário socioeconômico totalmente fragilizado e esta situação só iria se agravar com o decorrer do tempo. A crise recorrente em toda a Alemanha, estava presente também dentro da casa dos Frank. Em meio a dificuldades econômicas, Otto Frank, pai de Anne, analisava possibilidades de fugir com a família para longe da ameaça nazista de perseguição. Questionava-se entre Estados Unidos, Suíça e Holanda. Por fim, tomou a decisão de mudar-se para Amsterdã, mais viável pela proximidade com a fronteira alemã, entre outras facilidades.

Anne tinha então por volta dos cinco anos de idade quando se mudou para a Holanda. Neste país, começou a freqüentar o jardim de infância. Neste ano, na virada de 1933 a 1934, a imigração holandesa já contava cerca de quatro mil e duzentos refugiados judeus da Alemanha, e a partir desta data e também a partir de 1938, a tendência tornou-se crescente, recebendo inclusive imigrantes judeus da Áustria.

A perseguição tornava-se a cada dia maior e mais real. Tornou-se questionável se de fato era seguro abrigar-se na Holanda. Hitler avançava pelos países e já se tinha notícias de desaparecimentos. Otto, *a priori* cético da megalomania do *Führer* sobre a invasão de países neutros como a Holanda, foi obrigado a mudar de idéia quando em 1939 viu-se em uma situação semelhante àquela que enfrentara em 1933, seis anos antes. Ele se perguntava se deveria abandonar Amsterdã e começar de novo em algum lugar qualquer.

Anne e sua irmã Margot eram de certa forma, privadas das informações políticas. Otto e Edith, seus pais, procuravam mantê-las em um ambiente mais agradável e estável possível, para que não fossem perturbadas nem perdessem sua confiança em relação à segurança de onde se encontravam.

Em 10 de maio de 1940, as tropas alemãs invadiram a Holanda. As pessoas que andavam nas ruas podiam ver os ataques, e se perguntavam se aquilo era um ataque alemão ou inglês. A rainha anunciou a guerra. Instalou-se um pânico geral,

principalmente em meio à comunidade judaica, temerosa de sua perseguição e eliminação. A própria rainha fugiu do país, no dia 13 de maio. O maior símbolo de estabilidade havia se perdido.

Em 1941, Anne teve experiências emocionantes: o casamento de Miep Santrouschitz e Jan Gies e sua viagem de férias para Beekbergen, em Apeldoorn, a oitenta quilômetros de Amsterdã. Essa mudança de ares fez bem a Anne em diversos aspectos, tanto para sua saúde, um tanto quanto frágil desde a infância, quanto para o amadurecimento de novas idéias. Durante essa viagem, Anne escreveu várias cartas, seja por saudades de casa ou talvez porque não tivesse coisa melhor pra fazer. Escrever era sua grande distração. Em setembro de 1941, o ano escolar recomeçou, só que desta vez as crianças judias deveriam freqüentar escolas separadas de seus colegas holandeses. Já nesta época, Anne enfrentava questionamentos ontológicos que seriam expostos também ao longo de seu diário no ano seguinte. Ela se perguntava “Eu sou diferente?” (MÜLLER: 2001, p.156). Este tipo de indagação era destacadamente um dos pontos explorados pelo nazismo. A tentativa de acabar com a individualidade da pessoa humana, matar a pessoa moral do homem e a liquidação de toda a espontaneidade do indivíduo são preparativos dos nazistas a suas vítimas para a execução de seu poder total e ilimitado. Esse poder só é conseguido, segundo Arendt, se literalmente todos os homens, sem exceção, forem totalmente dominados em todos os aspectos da vida.

O ano escolar entre 1941/1942 transformou-se depois em um ano mais agradável. Anne se adaptou à escola, o relacionamento com os professores e colegas era mais intenso e eles finalmente conseguiam se sentir parte de um mesmo grupo – os judeus – e isto os fazia se sentirem em casa.

Em junho de 1942, em seu aniversário de treze anos, Anne ganhou seu diário, o qual resolveu denominar *Kitty*, sua melhor amiga. Sua primeira anotação foi feita dois dias depois, no dia 14 de junho.

Em 20 de junho Adolf Eichman e Franz Rademacher combinaram que 90 mil judeus (40 mil da Holanda) deveriam ser levados a *Auschwitz*. Muitos judeus foram presos em Amsterdã. Os prisioneiros seriam levados para um campo de concentração alemão. Os judeus na Holanda foram privados de sua cidadania, eram agora todos foras-da-lei. Anne Frank abrigou-se junto de sua família em um esconderijo, no prédio do escritório de seu pai, por onde viveria os seguidos 25 meses. A garota encontrava-se em estado de choque. Há poucos dias estava

conversando e rindo com seus amigos, expondo-se ao sol, o que agora representava um alto risco caso chegasse perto demais da janela.

Anne teve que se habituar a sua nova condição de vida. Tudo que fizesse barulho era proibido. Havia regras na escala de uso do banheiro e até na maneira como deveriam mover-se dentro do esconderijo. Além disso, Anne não poderia perder o contato com os estudos. Diariamente tinha horas reservadas para estudar línguas, matemática, geografia e história. Podia ler, costurar ou tricotar. Todos os moradores revezavam-se também nas tarefas diárias. Até mesmo Anne e sua irmã eram escaladas para cortar e limpar os legumes.

O contentamento inicial logo desapareceu para a menina. Estar sem amigos, estar sozinha, sentada e calada definitivamente não era o tipo ideal para Anne, significava uma contradição de sua natureza. Ela precisava de público. Era claro e evidente seu amor pela liberdade. “O domínio totalitário, porém, visa à *abolição* [grifo nosso] da liberdade e até mesmo à eliminação de toda espontaneidade humana e não a simples restrição, por mais tirânica que seja, da liberdade” (ARENDT: 2000, p. 455).

Todos os dias eram iguais para Anne dentro daquele minúsculo espaço que tinha para dividir com a família e mais outros quatro integrantes. Seus sentimentos deveriam ser limitados, reprimidos. Não podia gritar, chorar, falar quando ou o quanto quisesse. Deveria possuir um controle dessas emoções que ainda não tinha maturidade suficiente para ter desenvolvido.

Anne usou então seu diário como forma de expressar seus sentimentos, angústias, anseios e dúvidas que lhe afligiam enquanto era obrigada a amadurecer dentro de um ambiente hostil a sua saúde mental e física. Como gostava de se comunicar por cartas com seus amigos e familiares de outras cidades, tomou como alternativa ter seu próprio diário/ amiga como correspondente. Anne levou algum tempo a começar a escrever periodicamente para seu diário, pois estava ainda se adaptando a todo o contexto de tensão envolto no fato de estar presa e fugindo da perseguição nazista aos judeus.

O *Diário de Anne Frank*, a obra em si, foi publicado em 1947, pelo pai de Anne, Otto Frank, único sobrevivente do esconderijo, sob o título “*O Anexo Secreto*”. Otto editou uma série de partes do diário que achava inconveniente, pois tratavam de questões essencialmente pessoais tais como as brigas e desentendimentos de Anne com sua mãe, o desabrochar de sua sexualidade e suas próprias angústias e

medos. A obra editada tornou-se rapidamente fenômeno de leitura em escala mundial e foi traduzida em diversos idiomas, chegando a marca de 30 milhões de exemplares vendidos e de leitores em vários países. Posteriormente, lançou-se a versão definitiva e integral, com todas as anotações literais de Anne; uma versão mais densa, com 349 páginas. A publicação e tamanho sucesso tornaram real o desejo que Anne tinha em vida de ter sua mensagem espalhada para todos ao final da guerra e seu diário representa hoje um documento histórico de relato de uma vítima completa da guerra. O diário está atualmente guardado no Instituto Holandês para a Documentação da Guerra e seus direitos autorais pertencem ao Fundo Anne Frank, na Suíça.

Capítulo 3

Liberdade – conceitos e ideais

"Liberdade, essa palavra que o sonho humano alimenta que não há ninguém que explique e ninguém que não entenda".
Cecília Meireles

O presente capítulo visa confrontar diferentes aspectos da noção que se faz sobre o conceito de liberdade em diversos filósofos e pensadores de épocas e áreas distintas para serem apresentados e analisados pela idéia de liberdade exposta por Anne Frank em seu diário.

Desde a filosofia grega, a liberdade foi e é estudada como um conceito ambíguo, que pode ser visto de maneira *negativa*, se exaltada sobre a lente da ausência de submissão e determinação e *positiva*, pela visão que qualifica a liberdade como a independência do ser humano e comemora sua autonomia e espontaneidade como ser racional.

Temos, inicialmente, o conceito adotado por Thomas Hobbes, em seu clássico *Leviatã*: a liberdade como conceito que indica ausência de qualquer tipo de oposição que impeça o movimento. Não cabe, na delimitação do assunto da pesquisa, entrar em considerações sobre o fato de Hobbes acreditar na realização plena da liberdade no estado de natureza. Mas sua definição é pertinente no sentido de que se encaixa na experiência vivenciada por Anne Frank. Melissa Müller em *Anne Frank, uma biografia*, chega a apontar para o fato de que Anne vivia presa como em uma gaiola. Deste modo, há uma forte oposição física de seus movimentos. Há de se considerar também todo o ambiente repressor de seus sentimentos em que se encontrava, o que novamente lhe impede uma movimentação no aspecto moral e de consciência. Na visão hobbesiana, portanto, Anne Frank encontra-se privada de plena liberdade, pois limites físicos e morais a amarram e cercam dentro de um espaço extremamente restrito. No contexto em que escreveu seu diário Anne não é caracterizada como livre, porque, embora tivesse força e capacidade para fazer o que quisesse, não lhe era permitido executar sua

vontade. A restrição da liberdade, segundo Hobbes, é apaziguadora de conflitos e guerras de todos contra todos no uso incondicional de sua liberdade. Aplicada ao diário, esta restrição significa de certa forma um acordo para garantir a harmonia do ambiente que Anne, sua família e os demais quatro moradores dividem. Se todos gozassem de suas liberdades usuais, a convivência tornaria-se obstáculo cada vez maior, em um contexto já perturbado por si mesmo devido ao tumulto e os horrores da guerra. Do ponto de vista de Hobbes, portanto, tem-se uma aplicação daquilo que fora o contrato celebrado entre os indivíduos no estado de natureza ao passar para o contrato social. Este fato, porém, não justifica essa limitação, para efeitos do desenvolvimento de Anne como ser humano, como perfeitamente apropriada.

Considerando ainda a abordagem clássica dos teóricos da política moderna, cabe neste momento apresentar o conceito de liberdade segundo John Locke. Para este autor, a liberdade é o primeiro dos bens civis do cidadão e a base de sua vida. Seu pensamento indica que todos os homens nascem livres. A liberdade é, portanto, o poder de agir. É claro que esta noção é estudada por ele em análise do estado de natureza. O que interessa para fins de pesquisa, neste caso, é entender como esta idéia já figurava os questionamentos humanos há séculos atrás, e ainda sim encontra aplicação prática à noção que fazemos deste conceito nos dias de hoje. Este conceito de liberdade presente em Locke pode, sem limitação de espaço temporal, ser comparado com o que Anne Frank enfrentou no seu dia-a-dia experimentado no Anexo Secreto. Partindo desta perspectiva, Anne não possuía plenamente o bem da liberdade em sua vida. Seu poder de agir estava limitado por uma série de restrições físicas e psicológicas. O controle exercido por seus pais e pelas regras impostas à convivência funcionava como o acordo de poder que tornava viável uma liberdade restrita a todos em prol da sobrevivência da propriedade conjunta que dividiam, assim como Locke advoga em sua teorização sobre o pacto dos indivíduos em estado de natureza a criação de uma sociedade civil¹ que acabe com os inconvenientes da liberdade irrestrita naquele estado mas que ainda assim garanta a liberdade como direito supremo dos cidadãos. É certo que a obra e análise de Locke são mais profundas do que esta pequena análise.

¹ Sociedade civil à época da teorização de Locke não significa a idéia que fazemos hoje de que represente o terceiro setor, ao lado do Estado – primeiro setor – e Mercado – segundo setor. Sua acepção original, contrapõe-se a “sociedade natural”, sendo a *societas civilis*, portanto, a sociedade civil, sociedade política, correspondendo à noção atual de Estado. Cf: BOBBIO.

Suas idéias são, hoje, consideradas as fundadoras do liberalismo e sua aplicação é incomparavelmente maior quando se trata de sociedade.

Outros nomes destacados da filosofia discursaram sobre a liberdade. Leibniz, por exemplo, explica uma série causas do comportamento humano, chamadas eficientes, que dizem respeito ao corpo e seus atos. Há também, as causas finais, que por sua vez estão ligadas à consciência, à predisposição da mente humana na condução do agir do homem. Escolhas, segundo ele, determinam a ação, mas ainda assim, acredita na ação livre, quando esta é contingente, espontânea e refletida, ou seja, quando a ação pode ou não ocorrer e não há *necessidade* de que ocorra, quando o próprio homem é agente de sua ação e motivação, ao mesmo tempo em que a união de todas essas exigências passa pelo nível de reflexão do agente. “Ser livre é agir por si na direção daquilo que é visto como um bem, sem que nada interfira na decisão do agente, senão ele mesmo, e sem que lhe seja proibido fazer diferente. Se nada impedir o agente, é certo que ele perseguirá o que lhe parece melhor.”(SOUZA: 2006, p. 97). Há ação livre, portanto, quando estes três elementos (contingência, espontaneidade e reflexão) estão presentes.

Às idéias de Leibniz apresentadas acima, pode-se encontrar semelhança com a visão de liberdade encarada por Descartes. Seu pensamento está diretamente ligado à aproximação dos conceitos de liberdade com o de espontaneidade. A liberdade é, com efeito, motivação do agente sem influência de causas externas. A aspiração do domínio total pelos nazistas permitiu que se atrevessem a tocar exatamente neste ponto, liquidar toda espontaneidade humana, que é, aliás, produto de sua individualidade.

A reflexão presente no conceito de Leibniz, ganha conotação de esclarecimento em Descartes. Segundo ele, quanto mais se conhece as alternativas viáveis de ação, melhores são as escolhas a serem tomadas e maiores as chances de se tornarem escolhidas tais alternativas que são conhecidas pelo sujeito. Quando não se conhece a melhor opção, o indivíduo faz sua escolha com indiferença e por isso age de forma menos livre.

Ao tomar o diário como referência para exame destes conceitos, percebe-se que naquele contexto Anne não desfruta destes pontos trabalhados nem por Leibniz, nem por Descartes. No *Diário*, fica claro que suas anotações têm uma motivação externa, são condicionadas por uma *necessidade* e as alternativas de ação são

pouco, senão totalmente, desconhecidas pela garota privada de seu desenvolvimento usual.

Em Kant, a liberdade encontra-se baseada nos princípios da lei, e para tal, ser livre é agir conforme as leis. Neste sentido, aproxima-se de Rousseau, para quem é livre aquele que obedece às leis. No entanto, as leis a que Kant se referem têm uma conotação não literal no sentido de constituição, mas das próprias leis morais que guiam os indivíduos internamente, através do que chamou de *imperativo categórico*. A filosofia de Kant, portanto, nada tem a ver com aquela proposta por Locke. Afinal, a pessoa que age dentro das leis morais por aquilo que é correto universalmente, mesmo que do ponto de vista individual seja negativo, está, segundo Kant, agindo em liberdade. Somente desta forma, diz Kant, é possível que a liberdade coexista para todos, pois agindo de tal maneira a liberdade realiza-se moralmente e na legalidade ética.

Schopenhauer, por sua vez, mostra um conceito pessimista sobre a liberdade. Segundo ele, a ação humana não é completamente livre. Essa não liberdade de ação se justifica pois o homem não tem poder de deliberar sobre sua vontade, não pode, portanto, escolher aquilo que quer de fato.

Hannah Arendt, por fim, é destaque de toda promovida conceituação da liberdade desta pesquisa, primeiro porque também foi uma alemã judia, como Anne Frank, cuja vida foi afetada pela ascensão do nazismo, obrigando-a a refugiar-se nos Estados Unidos, e segundo porque sua obra clássica *Origens do Totalitarismo* é referência de análise tanto do processo histórico do nazismo quanto de suas conseqüências à problematização da individualidade da pessoa humana imersa neste cenário.

A autora mostra como o Estado totalitário nazista estava preocupado com a supressão absoluta da liberdade humana. Para tal fim, Hitler contava com todo um aparato policial, uma hierarquia própria e multiplicadora de cargos e uma ausência de estrutura definida. Tudo isso tornava o poder nazista cada vez mais visível, e isto, por sua vez, segundo Arendt, é o que faz mais secretos os verdadeiros objetivos do regime. Alerta, ainda, para o fato de não se saber até que ponto o regime totalitário pode transformar o caráter da pessoa, afinal o domínio total se dá exatamente pela sistematização da pluralidade humana, ao reduzir à mesma identidade todas as reações possíveis de cada pessoa como uma apenas.

Em sua obra prima sobre o totalitarismo, Arendt aponta também a necessidade de estudo dos campos de concentração como instituições caracterizadoras do regime. Segundo ela, não existem parâmetros de comparação de algo com a vida nos campos, “seu horror não pode ser inteiramente alcançado pela imaginação justamente por situar-se fora da vida e da morte.” (ARENDT: 2000, p. 494). Alguns sobreviventes tentaram relatar esta situação inexplicável, mas segundo Arendt, esses relatos não fazem sentido porque são fruto de vítimas *incompletas* do nazismo. Neste sentido, é que *O Diário de Anne Frank* é tomado como referência, não exatamente da experimentação dos campos de concentração, mas como documento de observação de uma vítima completa daquilo que o nazismo se propôs a fazer.

Capítulo 4

O propósito a se seguir nestas linhas é o de unir toda a conceituação traçada àquela da História das idéias.

A principal corrente que direciona a linha desta pesquisa parte do pensamento de Gadamer e da investigação de sua obra *Verdade e Método*. Sua defesa é que a obtenção do conhecimento não se restringe aos métodos utilizados pelas ciências naturais, ainda mais quando se refere ao conhecimento social, provido de caráter subjetivo. Em seu livro, o argumento central e a conclusão a que se pode chegar é que verdade e método estão em desacordo entre si. Segundo ele, não há método definitivo para que se chegue a verdade e nem sua obra tem a pretensão de o fazer. Gadamer explica que sua intenção é filosófica, significando que não pretende prescrever o que se faz ou como se deve fazer, mas sim o que de fato acontece quando ou enquanto se faz algo, acima do querer ou ter consciência de o fazer. Seu título é, portanto, nada mais que uma ironia sobre tais relações entre verdade e método que julga incapazes de prover conhecimento pleno. Gadamer não quer, com isso, dizer que as interpretações estão fadadas a serem superficiais e fornecerem uma visão opaca daquilo que se estuda, mas sim que o objeto deve ser inserido em um contexto de interpretação progressiva em que a compreensão do objeto é alcançada ao mesmo tempo em que a auto-compreensão do sujeito interpretador ocorre.

Koselleck é considerado um dos historiadores alemães mais importantes do século XX. A obra e análise de Koselleck e suas elucidações sobre história dos conceitos são pertinentes à pesquisa, pois esclarecem sua preocupação no exame dos textos e uso da linguagem. A atenção é retida exatamente no uso de determinados termos que possam conter conotações sociais e políticas, sendo que o emprego destes termos pode incluir significados que vão além daqueles descritos pela história social. É este o ponto em que atua a investigação da história dos conceitos. Segundo Koselleck, a história dos conceitos faz um exame minucioso de expressões fundamentais de conteúdo social ou político. "Uma palavra se torna um conceito se a totalidade das circunstâncias político-sociais e empíricas, nas quais e para quais essa palavra é usada, se agrega a ela." (KOSELLECK: 2006, p. 110)

Em Koselleck, experiência e expectativa são categorias capazes de entrecruzar passado e futuro. O autor faz críticas ao iluminismo e argumenta que a história não é capaz de fornecer exemplos para a vida e que ela se limita somente a oferecer visões de experiências traumáticas. Por isso, advoga que os resultados dessas experiências não deveriam jamais se apagar do horizonte de expectativas do seres humanos, pois somente assim se evitaria eventos desastrosos.

Em acordo com Koselleck, Pocock aborda também a questão da linguagem, mais especificamente no sentido da interpretação do uso da palavra pelo autor em sua contemporaneidade original do sentido que a palavra possa ter adquirido ao longo do tempo já na época de análise de seu interpretador. Em Anne Frank, este uso de linguagem deve ser entendido sob a perspectiva de sua idade – treze anos, seu idioma – o alemão, de início, e o holandês, no qual escreve seu diário, e sua própria condição – uma criança judia em meio à guerra. Por tanto, não é de se surpreender que a linguagem utilizada no diário não seja rebuscada nem com conotações díspares da denotação que realmente implica. Koselleck aponta para a batalha semântica travada na imposição de definições políticas e sociais nas fontes escritas em épocas de crise. Determinado uso da linguagem ou conceito aplicado poderia significar uma sujeição a certa tendência política. *O Diário de Anne Frank*, no entanto, encontra-se livre desta prescrição, muito embora escrito na condição de crise, não tem a intenção de promover nenhuma instância política ou social determinante, mas apenas fazer-se ouvida a garota que o escreveu na esperança de alcançar o mundo para mostrar as atrocidades de sua época.

Sobre o questionamento do cientificismo aplicado a interpretação de *O Diário de Anne Frank*, argumenta-se sua defesa sobre a lente das idéias pós-positivistas. Goethe diz: “Na mesma cidade, um acontecimento importante será contada à tarde de forma diferente que de manhã”. (GOETHE apud KOSELLECK: 2006, p. 250). Isto significa dizer que, de algum modo, as interpretações estão sujeitas a uma hermenêutica que se projeta individualmente sobre o objeto de pesquisa. Gadamer ressalta que a compreensão de um texto é realizada por meio deste projetar. Ainda segundo este autor, o sentido da leitura somente se manifesta porque o leitor lê o texto a partir de determinadas expectativas. Koselleck amarra os conceitos de expectativa e experiência, que segundo ele, indicam condição humana universal. Adiciona: “os acontecimentos de 1933 aconteceram de uma vez por todas, mas as

experiências baseadas neles podem mudar com o correr do tempo.” (KOSELLECK: 2006, p.312)

Gadamer critica a posição cartesiana de não aceitar nada sobre o que exista resquício de dúvida. A relevância deste fundamento para a pesquisa é tal que esta não esgota as possibilidades de interpretação e podem portanto, existir dezenas de outras implicações metodológicas que exponham dúvidas relativas a esta aqui apresentada. A base aqui é a vertente cuja defesa se fundamenta na relativização do significado de científico. "Whatever satisfies intelligent human beings in any age as the optimum means of enlarging their intellectual frontiers will pass muster as scientific" (DOUGHERTY e PFALTZGRAFF Apud DIAS: 2003, p. 21). Steve Smith, teórico pós-positivista, de alguma maneira, simpatiza com as idéias de Gadamer e traz em sua bagagem teórica muitas idéias semelhantes às do referido autor tais como a defesa sobre os conceitos prévios que o sujeito carrega ao interpretar. Smith defende que a observação e percepção são sempre afetadas por compromissos teóricos e conceituais prévios. O empirismo, ainda segundo o autor, subestima o quanto de teoria está envolvida na percepção e na observação. Smith alerta que, portanto, não há fatos brutos, nem fatos sem interpretação, e esta sempre envolve teorias. No círculo hermenêutico só se pode entender o mundo através de uma rede de significâncias. Por isso, Gadamer fundamenta a interpretação no conceito de horizonte, que é a visão superior e mais ampla que deve ter aquele que compreende. O horizonte proposto por Gadamer significa as crenças, pré-concepções e situações que ora constroem ou viabilizam a análise e ação dos indivíduos. A exigência de sua hermenêutica é, por fim, compreender o que diz um texto a partir da situação concreta na qual foi produzido. Como então, compreender *O Diário de Anne Frank*?

Beatriz Sarlo argumenta de modo elucidativo sobre este tipo de questionamento em sua obra *Tempo Passado*, porque trata essencialmente da interpretação das auto-biografias e seus limites de aceitação histórica. Até onde essas fontes são confiáveis como documentação dos fatos históricos? Sarlo cogita a possibilidade de não se falar do passado, mas entende que ele não é totalmente esquecido, a não ser que se eliminassem todos os sujeitos que o carregam. Tal era a tarefa e objetivo dos nazistas que, no entanto, não conseguiram liquidar a totalidade deste passado sombrio. Ela aponta ainda para o crescimento e difusão da história apoiada nas operações de memória. O diário nada mais é do que uma

operação deste tipo, elaborado a partir de experiências, estas por sua vez, relembradas pelas anotações e revividas a cada nova leitura. “A experiência se dissolve ou se conserva no relato? A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado.” (SARLO: 2007, p. 23). Sua idéia é completada pelo que diz sobre a narração representar uma temporalidade que não é aquela em que ocorre de fato, mas exatamente o momento em que é lembrada. Mais do que a precisão de lembrar é preciso entender, mesmo que para entender também seja preciso lembrar. (SONTAG apud SARLO: 2007, p. 22).

Sarlo argumenta também que existe experiência ao transformar-se em testemunho a vítima. A transmissão por relato daquilo que foi vivido é o que se chama experiência. O diário é ao mesmo tempo, este relato e testemunho. A autora é otimista sobre as perspectivas de aceitação da construção da experiência com as autobiografias. Para afirmar-se como sujeito, portanto, não basta ter experiências e construir seus sentidos, mas também comunicá-las.

Anne Frank firma-se então como sujeito na história. Seu diário instiga o ato de lembrar e faz disto uma “atividade de restauração dos laços perdidos ou destruídos pela violência de Estado” (SARLO: 2007, p.45).

Sarlo conclui e *O Diário de Anne Frank* confirma que o tempo e memória são os pais da história.

Capítulo 5

Holocausto judeu na segunda Guerra Mundial

Originalmente, a palavra holocausto deriva de sacrifícios religiosos praticados em oferenda às divindades, executado inclusive por tribos judaicas da antiguidade. O termo passou a ser referência a massacres, o que foi confirmado a partir da segunda Guerra Mundial, quando a palavra passou então a designar uma das maiores catástrofes da humanidade: o genocídio judeu pelo ditador nazista Adolf Hitler. Hoje em dia, a expressão remonta a uma significação direta ao extermínio judeu.

Embora haja especulações sobre a veracidade do acontecimento, devido às conseqüências políticas que modificaram o rumo do povo judeu, a documentação deixada é extensa, de autoria tanto de sobreviventes, como da própria parte nazista em seus relatos, como também pela observação mundial que pode documentar e divulgar os fatos ocorridos. O número estimado de mortes, assassinatos ou desaparecimentos chega aos seis milhões.

A peculiaridade do holocausto judeu praticado pelos nazistas é destacada pela metodologia aplicada: cada grupo era tratado com seu diferencial. Além dos judeus, foram alvos desses ataques os ciganos, homossexuais, comunistas, dentre outros que eram considerados excluídos da inferida raça pura ariana. A dimensão e alcance foram tão grandes, que o Holocausto atingiu o que hoje são mais de 25 nações européias diferentes.

Os alemães criaram campos de concentração e extermínio, a maioria deles localizada na Polônia. Muitos campos combinavam também o trabalho escravo, testes com experiências médicas, sendo que muitos ocupantes morriam antes do próprio extermínio, dadas as condições tão precárias e insalubres a que eram expostos.

A onda do anti-semitismo presente na Europa dos anos 20 a 30, foi abraçada por Hitler e seus seguidores com extrema profundidade. O fanatismo de Hitler já era esboçado em seu livro *Mein Kampf*.

“O anti-semitismo é coisa bem diferente de um pensamento; é antes de tudo uma **paixão**. Existe um nojo aos judeus (...) e

não é do corpo que nasce essa repulsão (pois pode-se amar uma judia caso se desconheça sua raça); ela chega ao corpo pela mente; é um estímulo da alma, mas tão profundo e total que chega ao plano fisiológico” (SARTRE: 1995, p. 10)

A decisão final do extermínio dos judeus de toda a Europa surgiu em dezembro de 1941. No ano seguinte, foram discutidos os detalhes da *Solução Final* que seria empregada aos judeus, que começavam a ser deportados aos campos de concentração para completar a finalidade do plano nazista. Completava-se, desta forma, o ciclo identificado pelo autor austro-americano das fases do Holocausto executadas por Hitler: Identificação – definição do objeto, discriminação econômica e separação, Concentração e Extermínio.

APRESENTAÇÃO – MODELO TEÓRICO

O modelo teórico em que se fundamenta a pesquisa é principalmente o da filosofia de Hans-Georg Gadamer. O sentido do entendimento humano é visto por ele como um fenômeno filosófico, histórico e cultural. Não acredita, portanto, na compreensão através do modo racional, pois há sempre subjetividade nas questões de linguagem e cultura. Seu método de compreensão é a hermenêutica, ou seja, a variável que lida com a interpretação. Aplicado ao diário, isso significa que as conclusões analisadas não são fruto de observação racional, mas de leitura e conclusões repletas de significados de interpretação da escrita do diário fundidos no elemento subjetivo da autoria. A limitação alertada por Gadamer, é de que a interpretação situa-se dentro de um horizonte compartilhado entre o intérprete e o objeto de estudo. O trabalho de Gadamer permite visualizar como a versão hermenêutica pode construir pontes entre as aparentemente intransponíveis culturas literárias e científicas, daí sua importância como modelo teórico do projeto. Para Gadamer, todo entendimento é um ato de interpretação, indo muito além dos elementos textuais.

ANÁLISE DO DIÁRIO

O *Diário de Anne Frank* é obra das mais famosas sobre os relatos vivenciados durante a segunda Guerra Mundial. A garota alemã e judia de apenas 13 anos, tornou-se o símbolo da tragédia direcionada a exterminar seu povo, e foi o que Beatriz Sarlo chama de vítima completa do feito nazista.

Anne começou a escrever o diário em 1942, quando o ganhou de presente de aniversário, este que seria seu companheiro durante a morada no esconderijo em que vivia para escapar da captura dos perseguidores nazistas.

O diário tornou-se famoso principalmente pelo fato de não se tratar apenas de relatos diários, mas também por confrontar a situação drástica vivida pelos judeus com os conflitos cotidianos da jovem que ansiava por liberdade em meio a uma prisão doméstica.

Já em seu segundo dia de escrita, Anne relata sua falta de liberdade até mesmo para acordar, não tinha permissão para se levantar mais cedo, e tinha que se conter para receber seus presentes, no dia de seu aniversário. Anne achava que mais tarde ninguém se importaria em ler o que uma garota de 13 anos escreveu, mas escrevia por sua pura vontade e necessidade de colocar as coisas para fora. Escrevia também porque não tinha amigos.

Anne cita a restrição de suas liberdades no início do diário – em 20 de junho de 1942, quando comenta que após maio de 1940 os decretos anti-semitas, colocaram os judeus em posição delicada, sendo obrigados a usar a estrela amarela, proibidos de andar nos bondes, de carro, tendo horários estipulados para fazer compras, proibidos de sair nas ruas, de ir a teatros, cinemas ou desfrutar de qualquer forma de diversão. Em 08 de julho de 1942, ao saber da notificação da SS dirigida a Margot, Anne viveu certos momentos de angustia, imaginando onde a família se esconderia e como viveriam neste novo lugar. Anne relata o sufoco ao fugir: vestir uma imensidão de roupas de uma vez só para conseguir levar o máximo de vestimentas para os próximos meses no esconderijo. Mas segundo ela, ninguém se importava com isso. Anne diz que talvez nunca fosse se sentir a vontade naquele esconderijo, todos tinham medo de que os vizinhos os pudessem ver ou ouvir.

O comentário em 28 de setembro 1942: "Não poder sair me deixa mais chateada do que posso dizer, e me sinto aterrorizada com a possibilidade de nosso esconderijo ser descoberto e sermos mortos a tiros. Esta, claro, é uma perspectiva muito desanimadora".

O diário conta os dias quietos que os moradores do esconderijo devem levar para evitar serem descobertos, e com isso, um medo horrível assola Anne a cada barulho ou batidas na porta, que a deixam aterrorizada ao pensar que pode ser alguém que virá prender ela própria e sua família. Para ela a maior dificuldade está no fato de terem de ficar calados e parados boa parte dos dias, sem dizer palavras ou falar em sussurros.

Em seu relato do dia 17 de novembro de 1942, Anne escreve um guia para o Anexo Secreto. Ao listar as atividades livres: "ninguém tem permissão de sair da casa até segunda ordem." Uma de suas maiores restrições. É impressionante que, apesar de seus medos, Anne ainda se julga uma pessoa de sorte, por ter um lugar para dormir, uma cama quente, longe de todo o tumulto que ocorre lá fora. Desespera-se como o fato de que ninguém seja poupado da exterminação nazista: doentes, velhos, crianças, bebês, mulheres grávidas – todos marchando em direção à morte. Quando pensa em sua vida no Anexo, Anne conclui que vive em um paraíso, comparado aos judeus que não estavam escondidos e foram capturados pelos nazistas.

Anne se sente abandonada e se diz rodeada por um vazio muito grande. Em muitos de seus contos diários escreve sobre seus conflitos existenciais, pensa em seus pecados e em seus defeitos. Sente-se confusa pelo quanto precisa mudar em si mesma e pelo quanto precisa se comportar de modo diferente. Aconselha, entretanto, que ninguém a tente entender a fundo ou completamente, incorrendo no risco de nunca achar uma saída para suas próprias indefinições.

Anne escreve que poderia contar a sua melhor amiga, *Kitty* – o diário, todo sofrimento trazido pela guerra, mas sabe que isso somente poderia prejudicá-la e deixa-la sempre mais triste e infeliz. Recomenda que esperar é a solução mais coerente: esperar com muita calma que a guerra acabe. Os judeus e cristãos esperam, o mundo inteiro espera, e muitos esperam a morte.

Por não ter um bom relacionamento com sua mãe, Anne escreve muito como forma de desabafar sua raiva. Mesmo explodindo de ira, não pode demonstrar seus sentimentos. Sente-se reprimida pelo que diriam de sua atitude caso gritasse,

batesse os pés e chorasse. Gostaria de gritar para que todos a deixassem em paz, que a deixassem ter pelo menos **uma** noite sem chorar até dormir com os olhos ardendo. Gostaria de ir embora, embora de tudo e embora do mundo!

Anne tem diversas atividades para se distrair enquanto vive no esconderijo. Adora assuntos de mitologia, árvores genealógicas, história do mundo, quebra-cabeça, ama ler todos os livros que caem em suas mãos e sente raiva daqueles que lhe são censurados. Anne sente que precisa de óculos, considera-se míope. Mas as pessoas escondidas “não podem”. Relata seu desconforto aos moradores do Anexo, que sugerem ida ao oftalmologista. Só de pensar em tal possibilidade, Anne estremece. Não apenas pelo fato de melhorar sua condição, mas muito mais, pelo fato de sair! Sair, andar pelas ruas. Mal podia imaginar! A princípio ficou petrificada, mas depois feliz.

Anne pensa muito em voltar para a escola. Ter uma casa novamente, onde possa se movimentar livremente. Sua restrição não envolve apenas o âmbito psicológico, mas também físico. Não pode andar, se exercitar, sair à vontade. Está sempre com a sensação de estar presa.

Muitas vezes, os escritos de Anne são elaborados em seqüência do que presenciou e por isso, ela alerta para que se leve em consideração seus sentimentos reprimidos e que são postos no diário como ela gostaria de se expressar. Mesmo assim, ela diz que não pode contar tudo que vê ou tudo pelo que passa. As coisas são muito diferentes, comparadas com tempos comuns e pessoas comuns. Nesta situação, não é uma pessoa comum, uma adolescente comum, muito menos uma menina judia comum.

Anne às vezes se sente mal tratada, tanto pelos moradores do Anexo, quanto por seus próprios pais. Dizem a ela que sua aparência está horrível. Aos domingos é quando se sente péssima, relata uma atmosfera **sufocante** e pesada como chumbo. Não ouve barulho dos pássaros e vive em um silêncio opressivo e mortal que paira sobre o Anexo e gruda em Anne como se fosse arrastá-la cada vez mais para o fundo. Mesmo que às vezes o silêncio signifique uma paz momentânea, não há como medir o medo de se manter escondido. É impossível imaginar o mundo depois da guerra, difícil pensar que as coisas podem voltar a ser normal para Anne e sua família. É tal como imaginar “castelos no ar”, com suas palavras, ou seja, uma coisa que nunca poderá ser verdade.

Quando o Anexo recebe visitas das pessoas que estiveram fora para buscar comidas ou suprimentos para sobrevivência dos moradores, Anne se esforça para não se enfiar embaixo de seus cobertores, para pensar em seu maior questionamento: “Quando será que poderemos respirar ar puro de novo?”. Anne vive a se perguntar quando teria seu ideal de liberdade atingido, mas esta é uma resposta que ela mesma julga complexa. Anne confessa que não raro, comete alguns exageros. Acredita que se morar escondida por muito tempo, acabará se transformando em um pé de feijão velho e seco – alusão ao fato de comerem muito feijão nas refeições – enquanto na verdade a única coisa que realmente anseia é ser uma adolescente. Anne está privada de ser uma adolescente normal.

Anne certa vez perdeu sua caneta que estimava tanto. Com ela realizava varias de suas atividades intelectuais para se manter ativa em seu quarto. Descobriu que a caneta fora queimada, aliás, cremada, como um dia ela gostaria de ser.

Em 12 de fevereiro de 1944, Anne escreve: “O sol está brilhando, o céu é de um azul profundo, há uma brisa magnífica, e estou sentindo falta – realmente sentindo falta de tudo: conversa, **liberdade**, amigos, de ficar sozinha. Sinto vontade de chorar!”. Anne sente vontade de explodir, de chorar, mas não consegue. Fica inquieta, andando de um cômodo a outro, tentando respirar pela janela, sente seu coração bater forte. Anne tem saudades de muita coisa, sente muita falta de tanta coisa e durante tanto tempo. Não está se referindo apenas às coisas exteriores, já que de muitas dessas, considera-se estar bem provida, mas sim das coisas interiores como sua ânsia por **liberdade** e ar puro. Em alguns momentos, Anne se sente libertada de seus sentimentos de tristeza e depressão. No entanto, tal fato é de rara ocorrência, considerando que seu ideal de liberdade é ser libertada fisicamente do esconderijo e dissipar suas restrições psicológicas e as repressões que a impedem um desenvolvimento pleno como ser humano.

Para ela, o melhor que pode fazer para amenizar a situação é escrever todos seus pensamentos e sentimentos. Se não o fizesse, sente que seria sufocada por tantos acontecimentos. Anne tem uma imensa necessidade de conversar e se expressar, mas dadas as condições em que vive, a escrita tornou-se sua maior aliada. Escrever permite que ela registre tudo, seus pensamentos, seus ideais e suas fantasias. A garota judia se questiona porque o mundo não pode viver em paz. Qual seria o sentido da guerra e por que as pessoas não podem viver juntas com

harmonia. Por que há tanta destruição? São coisas que a adolescente não pode compreender.

Algumas das regras do Anexo incluem: não poder dar descarga depois das oito da noite, as janelas só podem ser abertas de manhã, não pode haver ruídos ou barulho.

Anne, apesar de todos os empecilhos, sabe que é uma jovem forte e vive em meio a uma grande aventura, que deve encarar como um desafio. Sabe que não deve passar o dia se lamentando e reclamando que não pode se divertir. Para isso, encontra outros meios para sua distração, tais como seus *hobbies* de leitura e de sempre aprender coisas novas. Mesmo com tantos infortúnios, Anne sabe que é abençoada por ter felicidade, alegria e força. Sente-se amadurecendo a cada dia e vê sua libertação mais próxima. Esses são pontos que a matam na luta. Sentir a beleza da natureza e a bondade das pessoas ao seu redor ainda lhe dão uma sensação de esperança em um mundo melhor.

Anteriormente Anne escrevia sobre sua imaginação no pós-guerra como algo impossível. Agora, em 1944, coloca suas esperanças para o fim da guerra: quer sair do esconderijo e ver o mundo, viver o mundo. Gostaria de fazer todo tipo de coisa empolgante. O sonho de Anne para o futuro é ser jornalista e, mais tarde, uma grande escritora famosa.

Em seus altos e baixos, no relato do dia 26 de maio de 1944, Anne é tomada por uma estafa tão grande de sua situação que gostaria que algo acontecesse, e este algo significaria qualquer coisa, inclusive um ataque aéreo. Nada poderia ser mais esmagador do que a ansiedade de nunca saber o que aconteceria nos próximos dias, se seriam bombardeados, atacados ou presos. A menina gostaria que houvesse uma solução rápida, nem que esta solução fosse cruel, mas que significasse saber quem é vencedor e vencido.

Fechada no Anexo, Anne tornou-se uma entusiasta da natureza. Conta que no seu dia-a-dia não reparava a beleza das flores, dos pássaros, do céu azul. As coisas haviam mudado para ela. Agora, observava a natureza com profunda admiração.

Anne não se conforma com o tratamento diferenciado entre homens e mulheres. Não entende tal injustiça. Não entende, aliás, nenhuma injustiça do mundo. Não compreende porque tudo que um cristão faz, é somente culpa daquele cristão, mas tudo que um judeu faz, é culpa de toda a comunidade judaica. Sente-se

injustiçada por estar nesta condição. Escreve: “Estamos todos vivos, mas não sabemos por que ou para que; estamos procurando a felicidade; levamos vidas diferentes e, ao mesmo tempo, iguais.”

Anne argumenta é preciso merecer a felicidade e que isso não se consegue por um caminho fácil. Merecer a felicidade significa fazer o bem e trabalhar, e não especular ou se preguiçoso.

Anne julga que se conhece bastante. Alega que pode se ver como se fosse uma estranha, consegue se afastar da Anne de todos os dias e ver o que ela está fazendo de coisas boas e ruins, sem preconceitos e sem desculpas. Essa autoconsciência nunca a abandona. Enfrenta a vida com uma quantidade extraordinária de coragem, sente-se forte, capaz de suportar fardos, jovem e **livre!**

No entanto, mesmo com suas virtudes, Anne sabe que se manter escondida é muito mais difícil para os jovens do que para os adultos. Estes já têm suas opiniões e caráter formado pela vivência, são seguros de si e de seus atos. Para os jovens é duplamente mais difícil criar e manter suas opiniões em “uma época em que os ideais estão estilhaçados e destruídos, quando o pior lado da natureza humana predomina, quando todo mundo duvida da verdade e da justiça.”. Anne considera impossível construir a vida sobre um alicerce de caos, sofrimento e morte. Ela vê o mundo se transformar lentamente em um tumulto, mas ao olhar pro céu mantém uma esperança de que os problemas irão passar e o mundo poderá ser melhor. Enquanto isso, só pode viver agarrada a seus ideais na esperança de realizá-los.

Anne queria poder se transformar no que gostaria de ser e no que poderia ser se não houvesse mais ninguém no mundo. Anne se importava muito com as opiniões dos outros, por ter vivido sempre a mercê das repressões que sofria.

Anne morreu de tifo, depois de ter sido capturada e levada ao campo de concentração de Bergen-Belsen, resultado das horríveis condições de higiene em que viviam.

CONCLUSÃO

Realizada a pesquisa, deve-se primeiramente ressaltar que os resultados da análise e interpretação de dados estão fundidos nesta conclusão final, uma vez que a pesquisa possui caráter hermenêutico de metodologia e apresentação final das conclusões, não se utilizando, portanto, de dados exclusivamente empíricos, fontes numéricas, dados quantitativos e demais formas de exposição criteriosas e exatas tais como as das Ciências Naturais.

Gadamer deixa claro que a busca da compreensão está exposta e sujeita a erros de opiniões prévias.

O elo principal entre análise do diário e modelo teórico está na passagem:

“Anne julga que se conhece bastante. Alega que pode se ver como se fosse uma estranha, consegue se afastar da Anne de todos os dias e ver o que ela está fazendo de coisas boas e ruins, sem preconceitos e sem desculpas. Essa autoconsciência nunca a abandona. Enfrenta a vida com uma quantidade extraordinária de coragem, sente-se forte, capaz de suportar fardos, jovem e **livre!**”

Este ponto liga-se ao pensamento construído por Gadamer do horizonte do interpretador e interpretado. A autoconsciência permite que Anne se veja de longe e visualize seu próprio comportamento?

Ao escrever que pode fazê-lo, Anne não tem consciência de que também esta visão que apresenta como neutra, está dotada de elementos subjetivos que a fazem julgar seus comportamentos de um modo e não de outro.

A conclusão é que Anne não pode se ver separada de si mesma e de seu contexto. A alternativa que tem é dedicar-se a escrita como forma de desabafo e expressão de seus maiores conflitos e apresentar seus pensamentos e sentimentos. Nem mesmo o interpretador, segundo Gadamer, poderia prover uma interpretação imparcial de tal condição sem considerar seu olhar pessoal crítico, limitado pelo seu horizonte de pesquisador.

A pesquisa do diário confirma que o ideal de liberdade de Anne nunca foi atingido em totalidade pelo fato de ter sido vítima completa da exterminação nazista

e ter falecido em um campo de concentração. No entanto, sua liberdade tão esperada de sair de seu esconderijo, pode ter sido amenizada pela oportunidade que teve de escrever seus relatos ao longo de aproximadamente dois anos e ter conseguido se expressar como queria. Escrever era sua maior liberdade. E escrever foi o modo que encontrou para que sua liberdade, restrita naquele momento, fosse disseminada para todo o mundo.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

a) Fonte primária

FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

b) Fontes secundárias

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Eichmann em Jerusalém – Um relato sobre a banalidade do mal*; tradução José Rubens Siqueira – São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

BOBBIO, Norberto. “Sociedade Civil”. In: *Dicionário de Política*. 12 ed. Brasília: UnB, 2002.

DIAS, Frederico Seixas. *As teorias e o papel das idéias nas Relações Internacionais*. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

FREITAS, William de Jesus Costa. “Maquiavel e Hobbes: duas épocas e dois entendimentos sobre a liberdade.” In: *Outros Tempos*, ISSN 1808-8031, v. 03. Disponível em http://www.outrostempos.uema.br/ARTIGO_7%5B1%5D._MAQUIAVEL_E_HOBBS.doc . Acessado em 20 mar. 2008.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*. tradução de Flávio Paulo Meurer – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

KOSELLECK, Reinhart. “Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos”. In *Estudos históricos* Nº 10. Rio de Janeiro: FGV, 1992.

_____. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto / Editora PUC Rio, 2006.

LAFER, Celso. *Hannah Arendt: pensamento, persuasão e poder*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

LAWN, Chris. *Compreender Gadamer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LOPES, Marcos Antônio (org). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.

MARTINS, Carlos B. *O que é Sociologia*. 38. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MÜLLER, Melissa. *Anne Frank: uma biografia*. Tradução de Reinaldo Guarany. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

PEREIRA, Jardel Costa. *O conceito de liberdade no pensamento político de John Locke*. In: Revista Eletrônica Print: FUNREI, Metavnoia, São João del-Rei, n. 1, p. 7-15, jul. 1998/1999 disponível em <http://www.funrei.br/revistas/filosofia> Acesso em 20 mar. 2008

POCOCK, John Greenville Agard. *Politics, language and time: essays on political thought and history*. New York: Atheneum, 1971.

REALE, Miguel. *Lições preliminares do direito*. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 1981.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo / Belo Horizonte: Companhia das Letras / Editora UFMG, 2007.

SNYDER, Louis L. *Encyclopedia of the third Reich*. Hertfordshire (UK): Wordsworth Editions, 1998.

SMITH, Steve. "Positivism and Beyond" in: SMITH, S.;BOOTH, K. & ZALEWSKI, M. *International Theory: positivism and beyond*. Cambridge: Cambridge U. P.,1996.

SARTRE, Jean Paul. *A Questão Judaica*. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

SOUZA, André Chagas Ferreira de. *Razão e liberdade em Leibniz*. São Paulo: 2006. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/df/site/posgraduacao/2006_mes/andre_chagas.pdf Acesso em 21 mar. 2008

STEIN, Ernildo. "A Consciência da História: Gadamer e a Hermenêutica". In *Mais, caderno especial de Domingo*. Folha de São Paulo: 24 mar. 2002.

VASCONCELOS, José Antônio. *Quem tem medo de teoria? A ameaça do pós-modernismo na historiografia americana*. São Paulo: Anna Blume / FAPESP, 2005.